

# O CORPO COMO UMA DECLARAÇÃO DE GUERRA: PENSANDO OS LIMITES DA IDENTIDADE ENQUANTO CATEGORIA DE ANÁLISE

## *THE BODY AS A WAR DECLARATION: THINKING THE LIMITS OF IDENTITY AS A CATEGORY OF ANALYSIS*

Kauan Santos Almeida

Maria Aparecida Oliveira Lopes

**RESUMO:** Rasuras e borrões são marcas presentes nos sujeitos da pós-modernidade, dessa forma, fissuras a um pensamento Moderno são realizadas e suas consequências são sentidas na pluralidade das suas ações. Tomando o corpo como um *locus* central de análise, neste trabalho escavamos uma ordem discursiva que ao identificar o corpo, tão logo encerra um gradiente de possibilidades através da canalização do desejo. Para tal, recorreremos a teóricas e teóricos Pós-Coloniais e *Queer*, por meio de uma abordagem pós-estruturalista. Pensar os limites da identidade enquanto categoria de análise é, pois, ensaiar uma política da diferença que reflita sobre os fluxos sem interrompê-los ou interdita-los e, sobretudo, sem ignorar a dinâmica material da violência distribuída sobre os corpos que operam fora da lógica hegemônica, isto é, corpos racializados, dissidentes sexuais e desobedientes de gênero.

**PALAVRAS-CHAVE:** Identidades. Diferenças. Corpo-dispositivo. Biopoder. Necropolítica;

**ABSTRACT:** erasures and blurs are marks present in the subjects of postmodernity, in this way, cracks in a Modern thought are realized and its consequences are felt in the plurality of their actions. Taking the body as a central locus of analysis, in this work we dig a discursive order that in identifying the body, as soon as it closes a gradient of possibilities through the channeling of desire. For this, we turn to Post-Colonial and Queer theorists and theoreticians, through a post-structuralist approach. To think of the limits of identity as a category of analysis is, therefore, to rehearse a policy of difference that reflects on the flows without interrupting or interdicting them, and, above all, without ignoring the material dynamics of the violence distributed over the bodies that operate outside the hegemonic logic, that is, racialized bodies, sexually disobedient and disobedient of gender.

**KEYWORDS:** Identities; Differences. Body-device. Biopower. Necropolitics;

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O exercício de se estabelecer uma coerência que segue, por óbvio, uma linearidade das coisas é, decerto, um modelo caro à militância social. Pensar a pluralidade é um tema recorrente na contemporaneidade, pluralidade esta marcada por rompimentos, fragmentações e fissuras do sujeito da Modernidade<sup>1</sup>. Em alguns campos de estudos, como é o caso daqueles que se dedicam aos gêneros e às sexualidades, há um deslocamento do plano cartesiano para outros que caminham para a desconstrução de categorias fixas remontadas a planos historicizados e socioculturalmente construídos.

As fissuras provocadas no sujeito da Modernidade põem em xeque os padrões polarizados dos pares binários. Dessa forma, os signos são despotencializados nas suas polaridades e analisados conforme a complexidade das relações sociais. É neste ponto que, embora haja a tentativa do rompimento com o modelo cartesiano do sujeito e, portanto, uma multiplicidade de identidades, cada uma toma para si seus elementos particularizados. Como é o caso das lésbicas, *gays*, mulheres, negros e negras, assim como o movimento de lutas contra as suas respectivas opressões, mas que deixa entre suas identidades fortes disjunções entre o fazer política e a contaminação das relações sociais.

Na política, via de regra, através das suas organizações (partidos políticos, grupos militantes, instituições) e modos de operação é possível observar a prevalência da reestruturação dos binarismos que polarizam seus movimentos contra opressivos, neste caso, sob um signo reducionista negros lutam contra brancos, mulheres contra homens e *bichas* contra “*machos*”. Contrapondo-se às diferenças anteriormente defendidas no campo das relações sociais. Assim, por exemplo, categorias como as das masculinidades são ficções retidas ao mundo daqueles que nasceram com pênis e correspondem ao gênero masculino e não como uma categoria móvel e relacional, o que a excluiu das análises dos estudos de gênero no início da década de 1960<sup>2</sup>.

Rasuras a estas fantasias absolutistas têm ocorrido, o que delinea o caráter paradoxal do poder. Ao produzir saberes sobre os corpos, categorizando-os em prateleiras identitárias, ele também oferece pistas ou rastros das suas interdições relacionadas ao desejo e ao próprio poder em um regime de autorização do discurso e, conseqüentemente, da verdade (FOUCAULT, 1998).

Preocupa-me neste ensaio pensar os espaços rasurados dos modos binários com

1 A efeito deste ensaio, a identidade é tecida tomando como referência as considerações teóricas de Stuart Hall para quem a concepção de identidade desloca-se em três eixos, sujeito do iluminismo, sujeito sociológico e sujeito pós-moderno. É a partir deste deslocamento que há o descentramento, retirando uma coerência estável em que o eu era baseado no modelo cartesiano para um eu múltiplo, portanto, descentrado. Hall pensa o descentramento passando por quatro perspectivas, a saber: marxista, que desloca a proposição-chave da filosofia Moderna a partir do trabalho e das relações sociais, portanto, não essencializante; freudiana, com a descoberta dos processos psíquicos e simbólicos; linguística de Saussure, tomando toda posição, pensamento e cultura como efeitos interior à linguagem, logo, social e não individual; e, por fim, foucaultiana, a partir da genealogia do sujeito da Modernidade com ênfase nas instituições e no controle dos corpos a partir das relações de poder, inventando categorias à medida do afastamento do padrão social.

2 Karen Giffin (2005) em *A inserção dos homens nos estudos de gênero* narra a escolha das mulheres feministas por vetarem a participação de homens em grupos de pesquisa em gênero. Segundo ela, a escolha ocorreu através das experiências cotidianas com a dominação masculina e a possibilidade de se estabelecer uma base de pensamento feminista.

que o fazer política e o relacionar-se socialmente compõem, como sendo polos distintos que autoanulam-se ou neutralizam-se ao entrarem em contato, como se as relações sociais estivessem apartadas do sentido político ou vice-versa. Do mesmo modo, como as lutas políticas ficcionalizam identidades estanques a partir do modelo de controle social localizados em corpos coerentes às normas internas de cada grupo ou luta, afastando do epicentro das discussões e/ou, no limite, sendo simplista à figura do “Outro”.

Utilizo as reflexões da teoria *Queer*, assim como dos estudos Culturais e dos estudos Feministas para pensar como os signos identitários ganharam estruturalidade no processo da diferenciação, inclusive a partir de agendas políticas destinadas a um controle que caminha rumo a uma ideia de progresso de maior controle possível. Neste sentido, penso em quais são os limites traçados pelo sujeito político-imaginário do gênero? Em quais contextos há negociações e trânsitos possíveis das masculinidades e feminilidades em corpos? E como cartografar tais trânsitos possibilita uma ação política da diferença que abdique de categorias rígidas e pensadas na exclusividade?

O exercício da escrita deste texto supõe entre trânsitos, a tomada dos movimentos sociais como uma ação em defesa da vida que articula resistências e, por isso, valem-se de categorias que em um jogo duplo revela e ao mesmo tempo mascara o sujeito da experiência e do desejo. É neste sentido que tomando a cartografia como um método e um não-método recorro Suely Rolnik (1989): “o cartógrafo, em nome da vida, pode e deve ser absolutamente impiedoso” (p.4), aqui os sujeitos investidos de desejo criam-se e transformam-se a partir de critérios que se reúnem socioculturalmente, em última instância, pelo desejo da vida.

## IDENTIDADES (CON)FORMADAS: MULTIPLICIDADE E TRÂNSITOS

Há algum tempo estava na casa de amigas quando me apresentaram a música *Eu sou passiva, mas meto bala*<sup>3</sup>, na ocasião, sob risos, discutimos o efeito do refrão como potência transgressora de uma categoria criada político-imaginariamente como frágil e feminina e como, ao analisar a passividade em relações viadas, aquele/a que assume tal postura é imediatamente caracterizado à subalternidade da relação sexual, por isso feminina. O refrão diz:

“Eu sou passiva/ Mas meto bala/ Se quiser tapar meu cu com a sua bíblia/ Eu meto bala! (...) essa é uma declaração de guerra/ Das bichas do terceiro mundo!!!”

A aparente relação entre passividade e subalternidade está no interior de uma relação classificada enquanto desviante, isto é, há no desvio outros desvios e, portanto, novas identidades. Contraditoriamente, ao se classificar este desvio e dotá-lo de uma identidade este mesmo processo acarretará em um controle do que é e do que não é “normal” aos indivíduos marcados pelas expressões produzidas nas relações de poder. Assim, ao senso-comum, soa contraditória o primeiro verso em relação ao segundo verso do funk, pois ao se inventar um sujeito imbuído de uma identidade política produziu-se também um saber e, portanto, um controle e aprisionamento deste sujeito.

3 Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=87lJpl5KrvA>>. Compositora: MC K-trina

Mas, não há simplificações nestes processos, pois um único sujeito não está sob uma única identidade. Stuart Hall (1997) pensa o sujeito culturalmente construído e, por isso, não estagnado, sendo possível historicizar as contradições do corpo em diferentes localizações espaço-temporais. Ainda, segundo ele, os sujeitos possuem múltiplas identidades, algumas delas divergentes entre si e, na medida em que são interrogadas, demandadas e/ou intimadas por diferentes ocasiões, elas se apresentam e tornam-se pontos de apego, sendo elas divergentes, o sujeito da pós-modernidade passa a ser entendido enquanto instável e fragmentado.

A passiva que mete bala está em um limbo, neste sentido, entre a dupla subalternidade: da sexualidade e da sua prática sexual passiva e a agressividade marcada como uma reação da identidade masculina. Quero aqui problematizar também estes efeitos rígidos das normas que compõem e impõem gêneros, isto é, pensar os gêneros não mais a partir de uma linearidade que conferem e confirmam a masculinidade como pertencente aos homens e a feminilidade como pertencente às mulheres. Se estes sujeitos são múltiplos, as categorias elaboradas para suas classificações também os são e, por se tratarem de experiências culturais, o corpo adquire centralidade na análise e, portanto, não há esta parede divisionista entre os corpos de sexos distintos.

Davison Faustino (2014) em seu artigo *O pênis sem falo: algumas reflexões sobre homens negros, masculinidades e racismo* analisa a mobilidade dos gêneros quando interseccionados à raça no Brasil colonial. A relação entre mulher, negritude e divisão sexual do trabalho, segundo ele, fez com que:

A mulher da elite tornou-se ultrafeminina enquanto a mulher abaixo dela – brutalizada pelo trabalho braçal do espaço doméstico –, *subfeminina* (ou masculinizada). (p.80)

Em outras palavras, o gênero não é uma experiência coerentemente distribuída tal qual deseja as evidências biológicas, mas, ao contrário, é radial e “transcende a figura do homem *per se*” (ARAGÃO, 2013, p. 344). Também, a feminilidade em homens é marcada pela experiência particular de uma fatídica negociação como, por exemplo, narra Conceição Evaristo (2015) no conto *Ana Davenga*, em uma cena em que Davenga, descrito como um homem duro, morador de uma favela e assaltante ao estar com sua esposa Ana transita entre feminilidades e masculinidades.

(...) Um pouco que ela saía para buscar roupas no varal ou falar um tantinho com as amigas, quando voltava dava com ele, deitado na cama. Nuzinho. Bonito o Davenga vestido com a pele que Deus lhe deu. Uma pele negra, esticada, lisinha, brilhosa. Ela mal fechava a porta e se abria todinha para o seu homem. Davenga! Davenga! E aí acontecia o que ela não entendia. Davenga que era tão grande, tão forte, mas tão menino, tinha o prazer banhado em lágrimas. Chorava feito criança. Soluçava, umedecia ela toda. Seu rosto, seu corpo ficava úmido das lágrimas de Davenga. (p. 23)

Assim, através do exercício de se estabelecer flexões das estruturas dos gêneros é possível expropriar um pensamento ontológico que anseia por identidades essenciais que, via de regra, antecedem o sujeito à estrutura e marcam suas práticas como unívocas diminuindo os matizes das experiências e do desejo. A estrutura dos gêneros é uma forma de ordenamento das práticas sociais, no entanto, este ordenamento é esburacado e borrado, por isso há fugas nas reiterações das normas. O gênero, nesta perspectiva, aponta para um delírio, como diz Preciado (2013), que, inclusive, revela a própria

maquinaria que possibilita a sua existência, isto é, o gênero como um dispositivo que cobre o espaço em que a biologia não alcançou: a determinação social (CONNELL, 1997).

Tanto nas experiências de Davenga quanto nas de uma passiva que mete bala, há uma dimensão de ordenamento das práticas sociais dos gêneros e um jogo de distribuição de humanidade em que o feminino é construído como um local de inferioridade e o masculino como sujeito central, portanto, superior. Talvez, por isso, a personagem de Davenga só “chora como um menino” quando se vê sozinho com sua esposa, isto é, destinado ao campo privado, ao *locus* do feminino, em oposição à passiva que mete bala, que primeiro sinaliza sua passividade, para depois meter bala no campo público como “uma declaração de guerra”, isto é, da feminilidade como transcendente em um corpo dito masculino, das normas de suspensão da humanidade.

Ainda são possíveis outras análises, estas mais interseccionais, isto é, verificar como a disposição dos papéis masculinos são alterados conforme o espaço-tempo da teatralização dos corpos. Davenga, um homem negro e respeitado por todos os seus companheiros na favela, um homem que emula a hipermasculinização em sua performance de gênero para ilustrar o modelo de “*macho de verdade*” deita-se ante à sua esposa. Fernando Seffner e Silva (2014) em harmonia a Hall (1997, 2000) oferecem pistas para se pensar as masculinidades como posições em que o sujeito sofre a partir das interpelações das ações cotidianas, ao analisar escolas públicas e privadas do centro e da periferia de São Paulo, verificaram que as masculinidades disponíveis são acessadas a partir daquilo que as qualificam como hegemônicas ao meio social, sendo acessadas por garotos e garotas.

Em resumo, há o trânsito de corpos constituídos na prática social, logo, mutável e relacional à particularidade ficcionalizante das estruturas destas relações. Os sujeitos são afetados e, ao mesmo tempo, afetam estas relações, forjando em si práticas e indentificações que documentam e organizam, expropriam e antropofagicamente reapropriam-se das práticas que as reinventando conferem sua localização. É neste ponto que há as conexões e os corpos são máquinas desejantes que se acoplam a outras máquinas produzindo novas práticas, o corpo é desejo e desejo é movimento (DELEUZE, 1992).

Mas se o corpo é uma processualidade aberta que se produz nos modos de experimentações, como é possível uma política que informe a localização e condicione os desejos? Abordarei algumas perspectivas sobre o corpo e as operações políticas de realinhamento dos desvios a partir da conceituação, isto é, de tornar reto o ziguezaguear dos corpos, de torna-los identificáveis.

## O CORPO E OS CORPOS

Entre os dias 07 e 21 de dezembro de 1966, no France Culture, Foucault realizou as conferências que denominou de *O corpo utópico, as heterotopias do corpo*, na ocasião, elaborou a inesgotabilidade de atravessamentos, encontros e afetações dos corpos. Produziu um corpo transbordante de sentidos que é, no limite, um corpo incorpóreo.

“É através destas grades que devo falar, assistir, ser assistido; sob esta pele, apodrecer. Meu corpo é o lugar ao qual estou condenado” (FOUCAULT, 2013, p. 3). Assim, para Foucault, corpo é espaço, corpo é lugar. Por isso, pensa-se uma utopia para este lugar,

um lugar-nenhum, um espaço de existências inidentificáveis. No entanto, quando ele sinaliza como “o lugar ao qual estou condenado”, este corpo deixa de ser utopia e passa a existir em outra ficção: a da negação, a precária terra dos mortos: “e nesta cidade utópica dos mortos, eis que o meu corpo se torna sólido como uma coisa, eterno como um deus” (p. 5).

É, pois, no engendramento de corpos solidificados e solidificáveis que investirei esforços para uma cartografia, um mapa do corpo-identidade. Penso o corpo não como privilegiado à mente, até porque, considero a unidade da estrutura como uma questão de visibilidade<sup>4</sup>. Assim, solidificar um corpo é trazer dureza e canalização ao desejo, fechando os movimentos subjetivos e encerrando-os a territorialidades que os aproximam do binarismo cartesiano. As experiências de solidificação a partir da realidade social implicam numa espécie de cristalização das experimentações, cindindo os sujeitos no que Suely Rolnik (2006b) chama de *subjetividade-corpo*<sup>5</sup>.

Uma das problemáticas que move este ensaio é esta cisão ficcionalizada que alcança o sujeito e os movimentos sociais para torna-los sólidos e cristalizados a uma identidade como ponto de apego, ignorando o corpo e seus trânsitos, suas corporalidades e a historicidade dos seus processos de formação-formatação. Contudo, somente a historicidade do corpo me parece insuficiente para pensa-lo, uma vez que ela se refere, muitas vezes, a apenas ao regime da visibilidade, isto é, o que o nosso tempo histórico nos permite ver. Mas, subjacente ao visível (do antes e do agora) há uma constelação que foge, atravessa e faz vibrar os corpos em singulares agonias.

Ao apropriar-me do modelo de *campo de forças* elaborado por Rolnik (2006) é possível a flexão e reflexão de um *corpo-dispositivo*<sup>6</sup> que é o lugar próprio do pertencimento e da ação, por isso, segundo Sander (2011), traz marcas históricas, sociais e culturais

em que potências são convocadas, resistências articuladas, fluxos liberados, drenados, barrados. Pois, longe de qualquer evidência tranquilizadora, o corpo é paradoxal (p. 133)

Assim, a concepção da identidade como um porto seguro torna-se um discurso de captura e de resistência, já que é forjada como uma prática que permite a militância e a conquista de políticas públicas no campo social, e, paradoxalmente, é solidificada neste mesmo processo para torna-la “eterna como um deus” e serializar a produção de sujeitos e, conseqüentemente, a tutela destes através de um biopoder. Não há senão o controle quando se tenta provocar um antagonismo entre ciência e política, entre militância e relações sociais, pois, de acordo com Berenice Bento (2011), ambas “são geradas no mesmo útero” (p. 82) e se a primeira supõe interpretar e a segunda transformar, a interpretação é um exercício político, “interpretar é criar” (p. 82).

4 Visibilidade aqui remete a Foucault (2002) e ao regime do visível de cada tempo histórico. Foucault pensa em visibilidade como aquilo que o regime visível dentro de um tempo histórico permite ao sujeito ver, e, não somente aquilo que se vê.

5 *Corpo-subjetividade* refere-se a uma característica dupla da capacidade sensorial: captar o mundo como forma e apreendê-lo como campo de forças.

6 Jardel Sander (2011) propõe, ao se apropriar do conceito de dispositivo foucaultino, o corpo como um dispositivo para estudá-lo em suas linhas de estratificação e sedimentação (sua história); e em suas linhas de atualização e criatividade (p. 133)

Se interpretar é criar, o corpo volta-se ao princípio do movimento e da experimentação, ao devir. Contudo, há no corpo-identitário uma necessidade de preenchimento, pois, neste sentido, o desejo não é completo, é falta, por isso, vazio de algo, busca a evidência, a materialidade, a invenção de formas que sustentam guerras de controle, por isso Sander o define como corpo-dispositivo, dispositivo no sentido foucaultiano<sup>7</sup> que normatiza e reitera práticas performativas padronizadas. Mas, embora soe cartesiano, o devir não se contrapõe ao corpo-dispositivo, pois há nas reiterações a fuga. A própria tentativa de solidificar é também movimento e, por isso, possibilita fluxos.

Aliás, são nos entrecruzamentos que a identidade se desestabiliza, é a fuga que possibilita o questionamento, assim, analisar os gêneros como produtos históricos e culturais, mas também, socioeconômicos rasura a linearidade das categorias homem e mulher, masculino e feminino. Vistos como corpos-identitários há o apego a estes produtos como estratégicos ao fazer política, ao militar, mas também se apega ao próprio dispositivo que os criaram. Assim, a mulher que reduz sua feminilidade ao útero reforça o mesmo processo médico-legal que produziu uma essencialidade subalterna em seu corpo tanto quanto o homem que relaciona sua masculinidade à piroca.

Neste ano ao tornar-se público o caso da jogadora transexual de voleibol Tiffany, explodiram na internet<sup>8</sup> e nos noticiários esportivos supostos enunciados científicos que garantiriam que por se tratar de uma mulher trans, Tiffany levava vantagem ao disputar a Superliga Feminina de Vôlei. Alguns movimentos de mulheres ligadas ao feminismo radical, além de biólogos, educadores físicos e fisioterapeutas criticaram a participação, para eles era simples, nasceu com pênis é homem, portanto, numa sociedade patriarcal há o privilégio masculino. Contudo, ao reivindicar uma concepção puramente biológica sobre os corpos trans, as mulheres não estariam apelando ao mesmo dispositivo que moldou os corpos femininos à docilidade e ao privado em uma relação de alteridade ao masculino? Não estariam elas assentando um projeto político que desumaniza corpos desobedientes ao gênero em sua “normalidade” e “coerência”? No limite, às “bofinhos” também não estariam simbolicamente em desconformidade às práticas normatizadas para o gênero feminino? Logo, por fim, não estaria este apego a reduzir a própria categoria de mulher a uma feminilidade médico-legal?

Longe de intuir respostas a estes questionamentos, busco a tensão dos elementos. Busco o processo político da diferença que escorrega à identidade, ao conceito. A diferença não nega a identidade, pois ocorrem em realidades distintas, a identidade produz a unidade, mas nem a identidade e nem suas produções são naturais, mas sim, prerrogativas culturais de existência e, portanto, imaginárias e políticas tanto para a ação quanto para o controle dos corpos, torno-os um corpo político-social e divergente em si (BENTO, 2011).

7 Agrupamento de discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais e filantrópicas (FOUCAULT, 2017, p. 244)

8 Um caso em busca de respostas: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/esportes/noticia/2018/03/tiffany-um-caso-em-busca-de-respostas-cje93monr030d01qxy1pe3gce.html>; Além da quadra, entenda como o caso Tiffany reacendeu o debate sobre transgêneros no esporte: <https://www.terra.com.br/esportes/lance/alem-da-quadra-entenda-como-o-caso-tiffany-reacendeu-o-debate-sobre-transgeneros-no-esporte.2f5c9ee9b09937077dbe2572942b7099r29q1431.html>; Opinião: um olhar científico sobre o caso Tiffany: <http://esportesmais.com.br/opiniao-um-olhar-cientifico-sobre-o-caso-tiffany/>;

## OS GÊNEROS E OS/AS DESVIADOS/AS: DUAS CENAS DE DESVIOS PARA UM DESTINO

### CENA 1

Madrugada de 29 de abril de 2018, ao não se sentir bem, Matheusa Passareli resolve sair da festa que acontecia na zona norte do Rio de Janeiro, no bairro de Encantado. Matheusa era estudante da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), se definia como não-binária e suas pesquisas artísticas estavam centradas no estudo do corpo. Do dia em que Matheusa saiu da festa até o dia da escrita deste ensaio<sup>9</sup> nada se sabia do seu desaparecimento, exceto por uma página no *Facebook* organizado por suas amigas e familiares. Contudo, através de um *post* da irmã de Matheusa, a também não-binária Gabi Passareli, a morte dela foi comunicada:

*Sobre seu corpo, também segundo informações colhidas pela DDPa, foi queimado e poucas são as possibilidades de encontrarmos alguma materialidade, além das milhares que a Matheusa deixou em vida e que muito servirão para que possamos resignificar a realidade brutal que estamos vivendo<sup>10</sup>*

9 Ensaio escrito no dia 7 de maio de 2018.

10 Citação retirada do *post* da irmã de Matheusa, Gabriel Passareli. Em seguida, segue o depoimento integral: Sinto muito. Há uma semana atrás recebemos a notícia que minha irmã tinha desaparecido ao tentar sair de uma festa no Bairro Encantado, Piedade, Rio de Janeiro. Quando estávamos em São Paulo, Matheusa havia comentado sobre esse trabalho que ela tinha para fazer na festa, que seria uma tatuagem na aniversariante. O processo-performance de tatuagem não aconteceu e como noticiamos no domingo passado, a Matheusa saiu do evento e não voltou mais. Quanto ao que aconteceu no evento em si, a Delegacia de Descoberta de Paradeiros está recebendo os depoimentos dos que estavam presentes (contamos que todos vão para relatar a experiência da festa e dar continuidade ao processo de investigação do caso).

As buscas se intensificaram após o anúncio do desaparecimento da minha irmã e com isso, muitas pessoas saíram à procura por dias, espalhando cartazes, rodando de carro e caminhando, dialogando com as pessoas nas ruas, enfrentando os medos para estar em territórios desconhecidos, tudo isso para encontrar uma das pessoas mais queridas que eu já conheci, minha irmã, Matheus Passareli Simões Vieira. A partir de certo momento, descobrimos que não poderíamos circular mais pelo bairro do acontecido desaparecimento e com isso, precisávamos zelar pela segurança daqueles que estavam nas ruas implicados em encontrarem a Matheusa. Tivemos que parar as buscas e concentrar as energias nas investigações da instituição. Segundo informações, minha irmã foi executada ao entrar em uma das comunidades do bairro.

Sobre seu corpo, também segundo informações colhidas pela DDPa, foi queimado e poucas são as possibilidades de encontrarmos alguma materialidade, além das milhares que a Matheusa deixou em vida e que muito servirão para que possamos resignificar a realidade brutal que estamos vivendo.

Todo o processo de acompanhamento do caso, junto da DDPa, foi acompanhado por mim, minha Mãe e amigos que tornaram todo esse processo de sofrimento numa experiência de muita força, coragem e objetivo. A angústia se transformou no trabalho compartilhado de encontrar a pessoa que mais amei e acompanhei durante a vida. Infelizmente as últimas informações que chegaram até nós e até a instituição pública que está desenvolvendo o processo de investigação, demonstram diferentes faces da crueldade a qual estamos submetidos. Eu e minha Mãe precisávamos estar em Rio Bonito, estar em companhia com nossas famílias e lidar com o sofrimento juntos. Trouxemos todos os objetos do quarto da Matheusa para a sua origem, a nossa terra natal, interior do Rio de Janeiro. Muitos registros das suas pesquisas de desenvolvimento da poética do CORPO ESTRANHO, roupas compradas e compartilhadas e principalmente, seus objetos mágicos, suas plantas e livros.

Por isso, antes de compartilhar com todos que estão constantemente buscando pela Matheusa e mandando boas energias de amor e cuidado e ajuda financeira, precisávamos estar em família. Que no nosso caso, se configura como o nosso principal núcleo de suporte, nossa família, nossa casa, onde aprendemos muito sobre cuidado e respeito às diferenças.

CORPO ESTRANHO que se coloca em cotidiano compartilhado com muitas pessoas e que enxerga e sente a vida através das energias e forças da natureza. E, se tiver que existir uma dicotomia entre o amor e ódio,



## CENA 2

16 de março de 2014, Cláudia Silva Ferreira, mulher e negra moradora do Morro da Congonha, localizado em Madureira-RJ, ao ser “identificada” por policiais como tendo “ligação com o tráfico de drogas” foi alvo de dois tiros dos policiais. Segundo eles, houve uma “confusão” e pensaram que o copo de café na mão de Cláudia se tratava de uma arma. Após ser morta, os policiais colocaram seu corpo no porta-malas do carro para ser levado ao hospital, no caminho, o porta-malas se abriu e seu corpo foi arrastado por 350 metros. Cláudia, mesmo morta, teve seu corpo dilacerado. Tudo foi filmado e divulgado nas redes sociais e telejornais<sup>11</sup>.

A ordem classificatória do mundo supõe um processo taxonômico. No interior de todo processo taxonômico há uma inclusão e exclusão, que penso ser próximas demais para simbolizar uma diferença, afinal, toda inclusão é paradoxalmente uma exclusão. A realidade, tal como a vemos, não se apresenta classificada, visto que os encontros e desencontros de partículas são constantes, portanto, tudo aquilo que é da ordem física, social e cultural é senão um processo de diferenciação que gera as diferenças. O mecanismo de diferenciação é central na elaboração de um corpo-dispositivo, até porque, são os dispositivos que conferem o estatuto de corpo aos corpos, também como maneira de governa-los. Nesta ordem “não é a diferença que suscita a diferenciação, sim a diferenciação que cria e reifica a diferença” (PUEYO, 2016, p. S/P).

De igual modo, os processos classificatórios são incompletos, pois as rasuras e os borrados rompem a reta da normalidade, neste caso, há perturbações aos processos sociais. O desvio à ficção da “normalidade” é, no limite, o próprio processo de identificação da “anormalidade”, portanto, são relacionais. A figura do/a desVIADO/A, por não ser normatizada, é classificada como o “Outro” (impúdico, fronteiro e ambíguo), neste sentido, o/a desVIADO/A também é uma ficção para construção da normatividade. No entanto, em um movimento duplo, a ideia de um sujeito-imaginário “anormal” incorpora um corpo-dispositivo com uma identidade transculturalizada em um movimento infinito de criação de identidades estigmatizadas e patologizadas, pois, sempre algo escapará à norma.

À medida que nas disputas políticas que tomam a identidade enquanto centro de negociação são constituídas políticas públicas favoráveis à manutenção da vida e, em

---

eu escolho o amor , nesse momento continuo escolhendo o amor pois sei que como essa frase, minha irmã escreve isso nos corpos de todos que já foram e ainda serão atravessadas pela existência da MATHEUSA. Sinto tanto que escolho ser leve mesmo diante de tanta crueldade à qual minha irmã e nós, que estamos constantemente amando e meditando na presença e paz da Matheusa, fomos expostos. A experiência também é aquilo que nos passa e por isso, prefiro acreditar que essa experiência de dor aguda também vai passar. Pois precisamos acreditar e acompanhar as investigações da polícia, para que continue ocorrendo um processo minucioso, eficaz e prático de investigação sobre o caso de homicídio da minha irmã. Principalmente, precisamos cuidar e manter a imagem e memória da Matheusa e para isso, contar com as instituições onde a Matheus Passareli Simões Vieira está matriculada como estudante bolsista. UERJ Universidade do Estado do Rio de Janeiro e Parque Lage | Escola de Artes Visuais. Visto que nos mudamos da nossa cidade, Rio Bonito, para estudarmos e como primeiras da família, cursar formações públicas de ensino e aprendizagem de artes e ofícios. Contamos com todo apoio para a continuidade das investigações e desenvolvimento das pesquisas e estudos da minha irmã. Avante!

11 <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2014/03/arrastada-por-carro-da-pm-do-rio-foi-morta-por-tiro-diz-atestado.html>

algum nível, à dignidade humana, há, também, os processos estáticos a que os corpos são submetidos para não serem desviantes dos próprios desvios. Por exemplo, Bento (2011) ao examinar a Lei de Identidade de Gênero na Espanha, verificou os conflitos pela reivindicação por uma política pública que conferisse acesso à cirurgia de transgenitalização, ela constatou que o setor do movimento transexual lutava por uma identidade unívoca, enquanto a experiência trans não é unívoca e a transexualidade, como afirmava algumas mulheres trans, não é definida pelo ódio à genitália. Nem todas as mulheres trans querem passar pela cirurgia para serem consideradas “mulheres de verdade”.

O desvio à noção linear de transexualidade foi, neste caso, uma reatualização que constata que a identidade, como supomos e incorporamos nas nossas lutas, não sustentam a possibilidade de humanização ou dignidade a todos/as. Logo, nossas lutas são exauridas pelas nossas próprias construções e incorporações de uma identidade, que ao final, exclui. O mínimo de dignidade é distribuído como um mecanismo assistencial àqueles que se “comportam bem” em suas categorias. Mas, embora pareça demasiado simbólico, estes processos encarnam na ancestralidade das feridas a exclusão social como marca do desvio daqueles que “não se comportam bem”. Pensar uma política da diferença não é ignorar e/ou despolitizar a distribuição da violência contra gays, lésbicas, trans, negros e negras e mulheres e o seu caráter de construção de categorias discursivas inferiorizadas.

As mortes das cenas 1 e 2 no início deste subtópico questionam uma hierarquia da violência e uma necropolítica que atribui valoração à vida a partir de um mecanismo de diferenciação, onde alguns corpos são passíveis de luto e outras não. E, muito embora a identidade pareça se ajustar ao contexto que clama por unidade, precisamos lembrar que é ela que cria campos imaginativos, portanto, ficcionais de gestão de vida e, que a necessidade de existir é em si um atestado dos mecanismos de poder que propiciaram suas existências. Por fim, quando questiono quem são os sujeitos do gênero é, pois, um atestado de confronto a uma guerra inscrita em nossos corpos como possibilidade de existência digna.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como bicha e preta não me limito a estas duas identificações, porém, sei o quanto me solidificam o corpo tornando-me fixo a uma estética da violência, assim como Matheusa e Cláudia e tantos/as outros/as, que canalizam nossos desejos à falta. O sujeito dos gêneros, portanto, inexistente fisicamente, mas opera por ficções e capturas, pois suas práticas são construídas e reconstruídas diariamente, afinal,

essas cartografias necropolíticas do terror nas quais somos capturadas são a condição mesma da segurança (privada, social e ontológica) da ínfima parcela de pessoas com status plenamente humano do mundo (MOMBAÇA, 2017, p. 10)

Status este, imaginativo e que se constrói à nossa marginalidade.

## REFERÊNCIAS

- ARAGÃO, Rafael. O homem é desse mundo: para entender a masculinidade como processo histórico. In.: Leandro Colling e Djalma Trürler (Orgs.) *Estudos e política do CUS – Grupo de Pesquisa Cultura e Sexualidade*. Salvador: EDUFBA, 2013. pp. 341 – 370.
- BENTO, Berenice. Política da diferença: feminismos e transexualidade. In.: Leandro Colling (org.) *Stonewall 40 + o que no Brasil?* Salvador: EDUFBA, 2011. pp. 79 – 110.
- CONNELL, ROBERT W. La organización social de la masculinidade. In.: Teresa Valdés e José Olavarría (Orgs.) *Masculinidad/es, poder y crisis*. Santiago de Chile: Flacso, 1997. pp. 31 – 48.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro: Ed.34, 1992.
- EVARISTO, Conceição. Ana Davenga. In.: *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2015. pp. 21 – 30.
- FAUSTINO, Davison. O pênis sem falo: algumas reflexões sobre homens negros, masculinidades e racismo. In.: *Feminismos e masculinidades: novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher*. (Org.) Eva Alterman Blay. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014, pp. 75 – 104.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 4. ed. São Paulo: Loyola, 1998.
- FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002;
- FOUCAULT, Michel. *O corpo utópico, as heterotopias*. São Paulo: Edições n-1, 2013.
- HALL, Stuart. *Identidades culturais na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.
- HALL, Stuart. Quem precisa de Identidade? In.: SILVA, Tomaz Tadeu. *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000. pp. 103 – 133.
- PRECIADO, Paul Beatriz. ¿La muerte de la clínica? *Youtube*, 7 de abril de 2013. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=4aRrZZbFmBs&t=630s>>. Acesso em: 30 de abril de 2018.
- ROLNIK, Suely. *Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina; Ed. da UFRGS, 2006.
- SANDER, Jardel. Corpo-dispositivo: cultura, subjetividade e criação artística. *ArtCultura: Uberlândia*, vol. 13, n. 23, pp. 129 – 142, jul./dez., 2014.
- SEFFNER, Fernando; SILVA, Luciano F. da. Canetas coloridas ou mini-skates? Coisas de meninas e coisas de meninos na cultura escolar. *MÉTIS: história e cultura*. vol. 13, n. 26, pp. 31 – 60, jul./dez., 2014.